

CHRIS MORGAN JONES

O HOMEM  
DO ENGAÑO

Tradução

ALEXANDRE HUBNER

PA  
PA  
19  
19

Copyright © 2011 by CM Jones  
Proibida a venda em Portugal.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL An Agent of Deceit

CAPA Alessandra Kalko

IMAGENS DE CAPA James Jones Jr (Palácio de Westminster e Big Ben)  
e r.nagy (edifícios de Canary Wharf)/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Juliane Kaori

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Jones, Chris Morgan

O homem do engano / Chris Morgan Jones ; tradução  
Alexandre Hubner. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: An Agent of Deceit.  
ISBN 978-85-65530-30-9

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) I.  
Título.

13-02321

CDD-823.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura inglesa 823.0872

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br)

1999

Da janela do avião, Webster vê passar o deserto ininterrupto, uma imensidão que o sol nascente tingem de laranja e cuja superfície se acha toda revolva, como se agitada por ondas de areia que parecem avançar rumo à rebentação em algum lugar mais ao sul. Ao lado dele, Inessa, toda encolhida no assento, dorme sem ligar para os sacolejos da zona de turbulências ou para as canções de bêbado entoadas pelos engenheiros russos do outro lado do corredor.

Lá embaixo a areia dá lugar à vegetação rasteira da vasta estepe cazaque e, quando encosta o rosto no vidro, Webster consegue ver, à distância, as montanhas Altai, ganhando altura e se estendendo em sentido oriental, rumo à China. Ele vira a cabeça e olha para Inessa; ela é pequena o bastante para se acomodar com conforto no duro assento. Mantém os joelhos flexionados contra o peito, como uma criança. É raro vê-la parada, é raro ela ficar em silêncio.

Ela abre os olhos por alguns instantes, tira uma mecha de cabelo preto da testa e torna a adormecer. Webster tenta reposicionar as pernas doloridas no reduzido espaço entre seu assento e o encosto do assento da frente. Cinco horas de voo noturno. De Moscou até ali. Não enfrentaria isso por mais ninguém.

Oskemen atualmente é cazaque, mas dá pistas de seu passado russo: rodovias largas, ladeadas por densas fileiras de álamos; altos blocos de apartamentos em estilo soviético, erguendo-se em áreas malcuidadas; edifícios imponentes, de porte imperial; igrejas com cúpulas douradas. Sob o sol esfumado, o calor na cidade é intenso, e o vento sopra da estepe com força, fazendo com que as árvores se curvem sobre a estrada. A fábrica fica a cem quilômetros dali, no sopé de uma serra não muito

alta. Enquanto Webster dirige, Inessa fala mal dos donos da empresa, um grupo formado por russos que extorquem os empregados, roubam do governo e parecem ficar felizes em garantir que tudo que seja seu morra lentamente. Webster já ouviu isso antes, já leu as matérias que ela escreveu sobre o assunto, mas escuta com atenção e boa vontade.

Na descida da serra, entre uma curva acentuada e outra, eles veem uma camada de nuvens escuras e pesadas pairando sobre o extenso vale em que está instalada a fábrica. O mato que cresce às margens da estrada é amarelo e ralo; árvores novas, recém-plantadas, vergam-se com um aspecto doentio, amparadas por seus suportes. As terras ao redor encontram-se no mais completo abandono. O ar, que parecia mais fresco no alto da serra, é quente e pegajoso. Dois ou três quilômetros adiante, a cidade de construções baixas e esparsas se deixa cobrir pela fumaça preta que sai de uma dúzia de pares de chaminés.

A cidade serve de dormitório para a fábrica. Vinte mil pessoas vivem em blocos de apartamentos idênticos, compram alimentos em dois supermercados e estudam em três escolas. Há uma rua que concentra o comércio da cidade, uma delegacia de polícia e um parque árido e poeirento.

No hospital, Webster e Inessa conversam com médicos que tratam de ossos quebradiços e pneumonia, com crianças que nunca sorriem e escondem os dentes quando falam, com trabalhadores que, na casa dos trinta, têm corpos de velhos. As terras do vale não são cultiváveis. Ao longo das décadas, o lixo foi sendo depositado numa cavidade a céu aberto, sem nenhum tipo de tratamento, e o lençol freático foi contaminado por substâncias químicas. Faz cinco anos que os novos donos chegaram, e nada foi feito.

Nenhum funcionário da empresa se dispõe a falar com eles, mas os dois não vão embora imediatamente. Ficam mais alguns instantes por ali, naquele calor abafado, envolvidos numa discussão infrutífera com o segurança que permanece sentado no interior de sua guarita, junto ao portão de entrada. Às costas do sujeito, a fábrica parece oprimir a cidade. Doze estruturas imensas, monstruosas, abrigam os fornos, e de cada uma delas saem chaminés de trinta metros de altura, pintadas com faixas brancas e vermelhas. Webster tira fotos, tentando captar a enormi-

dade da coisa; seriam necessários quinze minutos para caminhar de uma ponta a outra da área ocupada por toda a fábrica. Surgem dois policiais. Com quepes e fardas militares, transpirando profusamente, mandam os dois dar o fora dali. Inessa resiste, mas está claro que eles precisam ir. Já passaram da conta.

O sol está baixo, vai se escondendo cedo atrás da serra negra, e quando eles chegam a Oskemen, já é noite. Durante o jantar Inessa está indignada — Webster nunca a viu tão furiosa assim. E ela faz com que ele prometa lutar a seu lado contra aquela injustiça, a traição de que aquelas pessoas foram vítimas.

Na cama dura e limpa do hotel, Webster tem um sono agitado. Uma hora antes do amanhecer, num estado de semiconsciência, ele ouve uma chave girar na fechadura e, ao afastar as cobertas, vê a porta do quarto se abrindo e então a lâmpada fluorescente pisca até acender. Dois policiais fardados entram no quarto, empurrando para o lado um funcionário do hotel que os acompanhara até ali. Um deles se posiciona ao lado de Webster, interceptando a luz com seu quepe e dizendo, num russo calmo e imperturbável, para ele continuar na cama. O outro revira o quarto, abrindo gavetas, esvaziando no chão o conteúdo de uma mochila. Webster observa a cena com o canto dos olhos e tenta se levantar, porém o primeiro policial o contém. Com três puxões, seu colega arranca o filme da máquina de Webster e em seguida se põe a folhear sua caderneta de anotações.

Webster faz menção de agarrar a caderneta, mas é jogado de novo na cama. Na saída, ao fechar a porta do quarto, os policiais dizem para ele pegar o primeiro voo para fora do país.

A máquina fotográfica fica sobre a cômoda, seu compartimento traseiro escancarado e, espalhadas pelo carpete ralo do hotel, veem-se as roupas que ele usou na véspera.

Webster corre para o andar de cima, galgando com os pés descalços três degraus revestidos de cerâmica por vez. Quer compartilhar o ódio que está sentindo. A porta do quarto de Inessa está aberta e, com uma fisgada de medo no peito, ele perscruta seu interior. Ela não está ali.

O gerente noturno do hotel encontra-se em seu escritório, sentado numa poltrona, assistindo televisão com o volume baixo. Tem a testa franzida numa expressão de desagrado e, quando Webster pergunta pela delegacia, ele evita seu olhar.

Webster sai em disparada, as duas mochilas sacudindo nas costas, os pulmões constrictos, a respiração ofegante. Agora são seis da manhã e uma luminosidade pálida, entre o cinza e o azul, desperta a cidade. Na rua os carros passam, mas ele não vê ninguém. Ao ser atendido, sem fôlego e irritado, diz a um policial que é jornalista e que, se não soltarem sua amiga imediatamente, ele vai ligar para a embaixada britânica e para todos os editores de jornal que conhece. Por um momento o policial olha com indiferença para Webster, depois vai buscar um colega e os dois o prendem.

As paredes da cela são cinza, não há janelas, e duas tábuas fazem as vezes de cama. Por sorte, ele não precisa dividir o cubículo com ninguém. Com a cabeça nas mãos, permanece sentado sob a única lâmpada que ilumina a cela e torna salientes cada mancha e rachadura do piso de concreto úmido. Não é a primeira vez que Webster se vê num lugar assim e para Inessa isso é coisa de rotina, porém em seu peito vibra um medo estranho e ele quer vê-la para tranquilizá-la e dizer que logo estarão livres. O silêncio é rompido por estrépitos ocasionais: um grito, uma cantoria destrambelhada, uma porta de ferro batendo com força. Para passar o tempo, ele fuma e começa a escrever mentalmente seu artigo.

Ninguém aparece para interrogá-lo, e ele se pergunta quanto tempo vai levar aquilo. Perto do meio-dia, ouve as portas da cela se abrindo, uma por vez, e se prepara para alguma coisa, mas é só um carcereiro trazendo a comida. Enquanto futuca com o garfo o conteúdo da bandeja, ele ouve pessoas falando cazaque — ordens sendo dadas aos berros e botas pesadas passando pelo corredor. A balbúrdia não para. A porta se abre de novo e dois guardas o levam para fora da cela. Pegam-no pelos braços, um de cada lado, e se recusam a responder as perguntas que ele lhes faz.

Quando chega ao corredor, Webster vira a cabeça e nota três policiais parados junto à porta de outra cela. Um deles, em cujo peito largo se vê uma pletora de medalhas, está um pouco mais para trás e tem os braços cruzados. Há uma maca a seus pés.

Webster consegue livrar um dos braços e grita o nome de Inessa, sentindo o medo contrair sua garganta. Quando o dominam e o fazem seguir em frente, ele se põe a gritar com raiva, e se debate e se contorce, tentando a todo custo se soltar, porém os guardas continuam a arrastá-lo, e seus pés vão tropicando pelo chão. Então, como um estalo, um grito ecoa nas paredes e os dois homens que o conduzem param e se viram. O policial das medalhas faz um sinal com a cabeça. Com passos vagarosos, eles retornam pelo corredor e levam Webster até a porta da cela.

Em seu interior, dois policiais mantêm um prisioneiro encostado à parede, o rosto espremido contra a alvenaria fria, os braços torcidos às suas costas. O sujeito veste uma camisa branca, que está imunda e ensanguentada. No chão está Inessa, em decúbito dorsal, um joelho flexionado, os olhos vidrados, voltados para a parede. Seus jeans estão molhados e têm uma cor escura, sua camiseta está toda vermelha. Entrecortando seu pescoço tensionado, vê-se, como que traçado com pincel grosso, um único e vívido fio de sangue.

Webster grita e tenta se soltar. Mãos fortes o contêm.

Ele é algemado e trancafiado — ainda se debatendo, sua cabeça em polvorosa — no compartimento traseiro de um camburão. Tudo o que consegue ver enquanto o carro desliza por uma estrada que os leva para longe da cidade são faixas de céu pálido.

Duas horas depois o carro para. O motor continua girando e ele ouve um vozerio em russo. As portas se abrem, o compartimento traseiro é destrancado e Webster desce com dificuldade do camburão, franzindo o rosto ao sentir o choque da luz repentina. Sem aventurar-se a olhá-lo nos olhos, um dos policiais tira suas algemas e lhe entrega a mochila. O camburão manobra em meio à poeira e vai embora.

Soldados com metralhadoras olham para ele. Ali é a fronteira. Ele está de volta à Rússia.



2009

# 1

Lock estava deitado de costas e deixava que o calor varresse seu corpo à procura de lugares para queimar. Não havia vento, e seus olhos fechados se avermelhavam sob o sol escaldante. Vez por outra uma inquietação qualquer saía das sombras para fustigá-lo, mas ele tratava de espantá-la: não estava em Moscou, e isso era suficiente. Naquele momento seu corpo parecia em brasa, quase translúcido, e havia uma leveza em seu peito. Era impressionante como se sentia melhor ali.

À sua volta, pessoas deitadas de bruços ocupavam as espreguiçadeiras. Com passos ágeis e macios, uma garçonete atravessou a areia. Fia-pos de conversa chegavam até ele, embalando-o num princípio de sono; então soou uma voz alta e insistente, falando ao telefone — em russo, claro, devia ser. Lock distinguiu só a palavra estranha, mas reconheceu o tom: imperativo, excitado. Abriu os olhos e conjecturou se faria bem em tomar mais um drinque. Ficou olhando por alguns instantes o céu imaculado, banhando-se no calor, então se apoiou no cotovelo para erguer o tronco e fez uma careta ao sentir a dor nas costas. Suas pobres costas.

Oksana estava ali — a um metro, talvez —, deitada de bruços, exibindo um bronzeado exuberante. Tinha o rosto virado para o lado dele, porém seus olhos permaneciam fechados e ele não sabia dizer se ela estava dormindo. Lock olhou para seu próprio corpo e notou a palidez de sua pele. Mesmo pegando sol havia três dias, continuava com um aspecto cinzento.

Naquela manhã a dor nas costas o acordara mais cedo e ele deixara Oksana dormindo enquanto saía para correr, trocando-se no banheiro para não acordá-la, a camiseta justa demais no corpo, os tênis parecendo estranhos nos pés. Pouco antes do raiar do dia, as ruas de Monte Carlo estavam frescas e tranquilas e o mais escuro dos azuis começava a iluminar uma franja do céu e Lock, a princípio com passadas duras e pesadas,

depois com uma espécie de fluidez árdua, passara trotando pela marina, numa pista à beira-mar que o levava do sol nascente para um Oeste ainda às escuras. Suas costas pararam de doer e ele continuou a correr, respirando cada vez mais fundo, amaldiçoando o ar fuliginoso de Moscou e se deslumbrando com o mundo que a alvorada trazia à tona. E então, de modo abrupto, a pista chegara ao fim, no ponto em que Mônaco inteira simplesmente se interrompe. Recuperando o fôlego, ele parara e curvara o corpo, apoiando as mãos nos joelhos, sentindo o peso de seu corpo num balanço suave, enquanto seu coração martelava no peito.

Repetiria o exercício no dia seguinte, com mais ritmo — talvez até descobrisse um percurso mais extenso. Agora, porém, precisava de um drinque. Acenou para a garçonete, indicando com um gesto que queria outro igual ao anterior, e ela voltou um minuto depois trazendo um uísque com soda. Lock sentou-se e bebeu. O drinque de seu pai. Como o velho teria escarnecido do gelo triturado e daquele copo alto, finíssimo — quanto desdém, por falar nisso, não teria demonstrado por Mônaco! Férias para ele era fazer as trilhas a pé na cordilheira do Harz ou velejar no lago Issel com Lock e sua irmã servindo, a contragosto, de tripulação. Atividade era uma constante, a outra era um fogareiro portátil que morava numa caixinha de alumínio e usava álcool desnatado como combustível — um líquido roxo que seu pai armazenava em velhas garrafas d'água. Nesse fogareiro, Everhart Lock preparava ovos com bacon e feijão, movido por um entusiasmo incansável, determinado a não permitir que a mãe de Lock trabalhasse nas férias. Era um homem alto, circunspecto, que estava sempre em movimento e cujo impulso era se refugiar em lugares ermos e selvagens, onde o contato com outras pessoas fosse pequeno e o ar, fresco e abundante. As cidades eram local de trabalho. Ah, como ele xingaria se tivesse de pagar para sentar com os ricos num clube de praia (onde, pensou Lock com despeito, ainda fora preciso molhar a mão daquele maître ridículo com duas notas de cinquenta euros para conseguir um lugar decente, perto da água), para passar o dia inteiro deitado ao sol, cercado de iates e lojas de automóveis e edifícios de concreto, para comer apenas em restaurantes — para ficar sentado como um cativo nesse enclave minúsculo e endinheirado, espremido entre as montanhas e o mar. Porém Lock se sentia bem ali.

Aquele era o seu lugar, uma parte do seu mundo. A vida era uma coisa fácil, administrável, com contornos bem definidos.

Sua primeira estada no principado remontava a quase quinze anos, numa viagem que fizera para conhecer Maître Cricenti e abrir uma empresa para Malin, a primeira de uma série que hoje está na casa das centenas. Cricenti era um tampinha, tinha pouco mais de um metro e meio de altura, mas, como bom monegasco, ostentava um orgulho de talhe antiquíssimo e inabalável. Em seu escritório, viam-se gravuras do século XIX que tinham o palácio como tema, além de retratos dos príncipes Rainier e Albert e bandeiras hasteadas por toda parte. Sem chegar a pôr a coisa em palavras, Cricenti deixara claro a Lock que, ao optar por Mônaco, ele estaria conferindo a sua empresa toda a glória de uma tradição de setecentos anos, uma tradição de independência digna e indócil, que preservaria seus negócios do mundo maçante dos impostos e das interferências governamentais. Mônaco não era uma daquelas ilhas vulgares do Caribe, onde gente inescrupulosa escondia seu patrimônio; não, Mônaco era a relíquia gloriosa de uma época, não tão remota assim, em que pequenas e divertidas monarquias ultrapassavam em número os Estados-nação e os reis podiam decidir como as coisas seriam feitas. Ali, os bens e a consciência da pessoa estavam a salvo.

Lock gostara do discurso, deixara-se iludir pela ideia de que por aquilo ele não estava pagando nada e assinara o contrato. Assim nascera a Spirecrest Holdings S.A., uma empresa de fachada com um nome que não significava nada, extraído por Cricenti de suas bem fornidas prateleiras e posto à disposição de Lock mediante algumas assinaturas e o devido pagamento. Lock não tardou a se dar conta de que a contabilidade das sociedades anônimas monegascas era tão complicada que quase chegava a anular seus parcos benefícios fiscais, e em pouco tempo estava recorrendo a outros lugares para sediar suas empresas; o relacionamento estável e íntimo que imaginara para si e Maître Cricenti não chegou a se concretizar. Mas desde aquela época ele tomara gosto pelo principado e por sua forte e bem azeitada ficção.

“Richard?”

Lock olhou na direção de Oksana. Ela falara com uma voz baixa e sonolenta.

“Ah, ainda está viva?”, disse ele. “Pensei que tivesse ido desta para uma melhor. Quer beber alguma coisa?”

“Que horas são?”

“Cinco da tarde.”

Oksana deu um suspiro fundo, um meio bocejo. “Peguei no sono sem querer.” Ali eles falavam inglês, em Moscou era russo a maior parte do tempo.

Lock tornou a olhar para ela. Olhar para Oksana era algo que frequentemente ele se pegava fazendo. Ela o deixava simplesmente embasbacado — não por estar com ele, isso ele entendia, mas por ser tão perfeita. Às vezes a perfeição dela o punha nas nuvens; com mais frequência era algo que parecia caçoar de seu corpo envelhecido e das concessões que ele tivera de fazer na vida. Oksana nascera em Almaty, na curva da cordilheira de Tien Shan, às margens de um imenso deserto vermelho, e Lock se perguntava se não repousaria aí a explicação de sua beleza tão imprevista. Numa vida normal, ela jamais teria estado a seu alcance.

“O que a gente vai fazer hoje à noite, Richard?”, perguntou ela, agora olhando para ele.

“Qualquer coisa que você queira. Está com vontade de fazer o quê?”

“Gosto do Sass. Será que a gente pode jantar lá? Depois quero ir para o Casino. Acho o Jimmy’s uma chatice.”

Ela sabia das coisas. O que Lock amava em Oksana — teria amado, se houvesse se permitido isso — era que ela tinha uma noção bem clara do que queria dele e de seu dinheiro, e nisso não estava incluído passar a noite dançando com centenas de homens forçados e suas namoradinhas lindas num nightclub que, sem atentar para o absurdo, sem o menor constrangimento, grafava seu nome com z. Jimmy’z. Alguns anos antes, Lock talvez ansiasse por uma noite no Jimmy’z e pela oportunidade de comer e ser comido com os olhos, mas não agora. O lugar era frequentado por sessentões, e até mesmo setentões, que obviamente nunca paravam para pôr seu prestígio ou competência em dúvida — mas esses, refletia Lock, esses eram os ricos de verdade, uma gente de outra estirpe.

“Vou ligar para o hotel e pedir que façam uma reserva para nós. Quer ficar mais um pouco na praia? Que tal um drinque?”

“Vou me bronzear de frente.” Com grande parcimônia de movimen-

tos, Oksana virou o corpo e fechou os olhos. Lock pegou o celular, um dos três que mantinha a seu lado, ligou para o hotel e falou com o recepcionista. Depois se reclinou na cadeira e bebericou o uísque, observando um jet ski cruzar a baía com seu zunido irritante.

De repente, sem estardalhaço, um dos outros telefones começou a vibrar. Lock olhou para o aparelho e reconheceu o número — um celular francês. Deixou tocar mais um pouco, fechou resignadamente os olhos por um instante e então atendeu.

“Alô”, disse em russo. Allo. Na praia, debaixo de sol, a palavra tinha um som estranho.

“Alô, Richard?” Aquela voz rouca e grave. “Estou precisando de você. Quero que venha para cá imediatamente.”

“Claro, pode deixar.” Lock desligou e deu um suspiro. Não estava preparado para retornar àquele mundo.

“Meu amor?” Nunca sabia se devia chamá-la de “meu amor” ou “meu bem”. Aplicara ambos os epítetos à mulher com que fora casado, mas nenhum dos dois parecia apropriado a Oksana, que, antevendo o que ele tinha para dizer, não respondeu. “Surgiu um contratempo e preciso ver o que é. Desculpe.”

“Vai demorar?”

“Não sei. Ligo assim que souber.”

Apanhou os celulares e a carteira, levantou-se e curvou-se na direção dela. Oksana desviou ligeiramente o rosto — um movimento discretíssimo —, e ele a beijou no canto da boca. “Peça o que quiser à garçonete. Depois eu acerto a conta.” Endireitou o corpo com rigidez, recolheu a camisa de linho branca que deixara pendurada no encosto da espreguiçadeira e se foi.

Poderia ter pego um helicóptero para Nice e depois um táxi — os moradores de Mônaco adoravam fazer isso —, mas Lock não gostava de helicópteros. Sempre desconfiara deles. Com os aviões ele não via problema: os aviões tinham asas e guardavam certa semelhança com os pássaros, e os pássaros sabiam voar e pousar. Para os aviões havia um precedente. Mas nada na natureza se assemelhava a um helicóptero,

com exceção das sementes de figueira em sua queda lenta e espiralada e inevitável até o chão. E havia outra razão para a ojeriza que Lock tinha àqueles arremedos de aeronave — se era uma razão mais supersticiosa ou mais pragmática, isso ele não saberia dizer: gente da sua categoria parecia morrer com muito mais frequência em acidentes de helicóptero do que seria de esperar.

Por isso ele agora estava no assento traseiro de uma Mercedes, de banho tomado e vestindo um terno de linho bege, percorrendo a estrada sinuosa que liga Mônaco a Nice, atravessando túneis e contornando montanhas em alta velocidade. Sentia que suas preocupações voltavam. Malin não o teria chamado por uma bobagem qualquer. Lock passara todos os dias de sua vida profissional se preparando para a chegada da polícia, mas a ideia de que isso pudesse de fato acontecer sempre o apavorara, e ainda o enchia de terror. Seu trabalho era mentir — só que ele mentia como um escritor, no mais perfeito isolamento, e não cara a cara, como um vendedor. Ao longo dos últimos quinze anos, Lock criara uma ficção intrincada com fundos de capital fixo e fundos de capital variável, com sociedades anônimas e sociedades por quotas de responsabilidade limitada, com *sociétés anonymes* e *sociétés anonymes à responsabilité limitée*, com *anstalts* liechtensteinenses e *stiftungs* suíços e *privatstiftungs* austríacos, com todos os acrônimos imagináveis em todos os paraísos fiscais que ele encontrara sobre a face da terra. Lock tinha orgulho de sua obra, ainda que ela lhe inspirasse algumas dúvidas. Na parede de seu escritório em Moscou, havia um grande quadro branco onde estava representada graficamente a estrutura sempre volátil do que ele chamava de rede. Lembrava um diagrama sofisticado, decifrável apenas para iniciados: eixos, raios e agrupamentos recobriam o painel, modificando-se e proliferando conforme se multiplicavam as operações de Malin. Lock conhecia aquilo de trás para a frente. Conhecia todas as empresas, todas as contas bancárias e o nome de todos os indivíduos que figuravam como responsáveis por cada uma delas; conhecia uma por uma as exigências da legislação tributária de cada localidade; sabia quando o dinheiro tinha de sair de um lugar e quando tinha de entrar em outro. Também sabia que se tratava de uma construção sólida — tão sólida quanto possível. Mas justificá-la diante de outra pessoa, defender

sua existência como algo real e concreto — isso ele não tinha certeza de que seria capaz de fazer.

Tentou se acalmar. Talvez aquilo não tivesse nada a ver com investigações policiais. Talvez fosse a política moscovita: uma ordem tácita do Kremlin, a investida de uma facção rival sobre um dos ativos de Malin. Ocorre que agosto é um mês morto na Rússia. Quem sabe era uma coisa boa, benigna como uma nova aquisição, ou simplesmente uma questão de levantar recursos numa das divisões da organização para financiar transações em outra. Talvez Malin estivesse apenas se sentindo só. Lock sorriu e olhou pela janela, contemplando a paisagem esplendorosa da Côte d'Azur — magnificente, calorenta, superpovoada. Fosse qual fosse a novidade, o fato é que teria de dar conta do recado.

Depois de Nice, um congestionamento. Tantas placas da Holanda reparou Lock —, será que os holandeses não voam?

Em Antibes o trânsito melhorou, e pouco tempo depois eles estavam em Cannes, onde o motorista fez uma conversão para o sul e seguiu na direção de Théoule-sur-Mer. Picos marrom-avermelhados despontavam acima da estrada litorânea, acidentados e primitivos. Malin, que sempre parecia saber onde estava pisando, certa vez lhe dissera que as montanhas do Esterel deviam sua coloração ao pórfiro, uma pedra muito apreciada pelos romanos e pelos gregos. Como pareciam antigas, severas, resistindo com teimosia à civilização, em desacordo com as asseadas e luxuosas casas de veraneio que margeavam a rodovia.

Ao chegarem à propriedade de Malin, tinham deixado Théoule para trás e as casas de veraneio haviam praticamente desaparecido. Malin tinha uma montanha só para si, um pequeno promontório em cuja face norte se erguia um paredão de dois metros e meio de altura, isolando a área por completo do continente. Fora por ser tão fácil protegê-la que Malin escolhera aquela casa: nos três lados que restavam do terreno, uma série de terraços ajardinados projetavam-se em queda escarpada sobre o oceano. A essas defesas naturais, Malin acrescentara seguranças (russos — não gente do lugar — armados), que patrulhavam dia e noite a orla da propriedade. Na vertente oeste da montanha, uma trilha íngreme dava acesso a uma praiazinha de areia. Na época em que a casa fora construída, na década de 1920, a pequena baía decerto servira de



ancoradouro para iates que vinham de Cannes e La Napoule, trazendo convidados para o jantar. Agora o lugar era permanentemente vigiado por dois seguranças, e os convidados eram raros.

O carro diminuiu a velocidade até parar junto a uma guarita. Lock baixou o vidro de sua janela e mostrou o rosto; os portões se abriram.

No caminho que dava acesso à casa, havia outra Mercedes estacionada — o motorista dormia em seu interior. Lock não reconheceu o veículo. Agradeceu seu chofer, disse-lhe num francês ruim que talvez demorasse uma hora ou mais e passou pelos dois seguranças que vigiavam a porta de entrada.

Toda vez que se via naquela casa, Lock se espantava com a elegância desnecessária do lugar. Para os padrões da Riviera, não chegava a ser grande. Era uma construção baixa, toda branca, com toques aqui e ali de art déco, e dava a impressão de estar pronta para, a qualquer momento, sair navegando pelo mar que se estendia a seus pés. Os fundos permaneciam sob a sombra de carvalhos e pinheiros, a frente dava para os terraços ajardinados, que iam descendo em degraus até a borda dos penhascos — borda essa que era circundada por uma fiada de árvores. No andar de baixo, dotados de amplas portas-balcão, todos os aposentos se abriam para o jardim, onde uma fonte jorrava suavemente. Apesar de muito bem iluminada, mesmo em pleno verão a casa era fria. A cinquenta metros dali, via-se uma pequena capela — naquela altura um adereço anacrônico —, em que Lock nunca pusera os pés, embora sempre tivesse a sensação de que faria bem em conhecê-la.

Era na sala de jantar que as reuniões aconteciam. Malin estava sentado à mesa, recostado na cadeira, com os braços roliços cruzados sobre o peito. Vestia uma camisa branca de mangas curtas e colarinho chanfrado, e contra o branco do tecido sua pele tinha um tom amarelado. Era um sujeito grande, corpulento, como um lutador russo aposentado. Impermeável, pensou Lock: nada o atravessa, nem de fora para dentro, nem de dentro para fora. Seu rosto largo era balofo e, em outro homem, com aquelas bochechas, aquela calvície e aquela papada, emprestaria a Malin um ar brincalhão, porém os olhos sobressaíam aos outros traços.

Eram castanho-escuros e sombrios, nem curiosos, nem passivos. Davam a impressão de nunca piscar, mas tampouco pareciam propriamente olhar para a pessoa. Estavam ali e pronto. Toda vez que olhava nos olhos de Malin, Lock experimentava um mal-estar. Como agora.

“Boa tarde, Richard. Peço desculpas por interromper as suas férias.” Malin falava com um inglês cheio de sotaque e sua voz era baixa e grave. Lock limitou-se a assentir com a cabeça, sabendo, por experiência própria, que as gentilezas parariam por ali. “Os telefones, por favor.” Lock tirou seus três aparelhos dos bolsos, abriu a tampa traseira e removeu a bateria de cada um deles, depois deixou os componentes em cima de um aparador encostado à parede, onde já repousavam dois outros celulares, também desmontados.

“Você conhece o doutor Kesler.” Malin indicou com um gesto o mais velho dos dois homens sentados do outro lado da mesa.

“Claro. Como vai, Skip?”

“Tudo certo, Richard. Você está com uma cara ótima. Este aqui é o Lawrence Griffin, um dos nossos assistentes.”

Lock trocou apertos de mão com os dois sujeitos. O nome de Skip na realidade era Donald, mas ele preferia ser chamado de Skip, sugerindo uma jovialidade que contrastava com o restante de sua pessoa. Era advogado, especialista em processos litigiosos, e Lock se alarmou ao vê-lo ali: sua presença significava que, como ele rezeira, o assunto da reunião era sério, pois Kesler não era do tipo que atravessava o Atlântico e gastava o dinheiro de seus clientes sem motivo. Tudo nele sugeria disciplina. O sujeito mais novo, Griffin, sacara uma caderneta e já fazia anotações. Ambos estavam de terno; ambos pareciam acalorados, e sua aparência não era das mais alinhadas, como se tivessem chegado poucas horas antes e ainda não houvessem trocado de roupa.

Lock sentou-se sozinho à cabeceira da mesa. Malin virou-se para olhar para ele.

“O Tourna está fazendo onda de novo. Continua insatisfeito.”

“Isto aqui é por causa do Tourna? Meu Deus, aquele sujeito é um criador de caso. Não seria melhor continuarmos fingindo que ele não existe?” Tourna, pensou Lock, não valia uma reunião em agosto.

“O Kesler acha que não. Conte para ele, Kesler.”

“Obrigado, Konstantin. Richard, na segunda-feira o nosso amigo Tourna pretende entrar com uma ação contra a Faringdon em Nova York. E vai usar algumas cláusulas do contrato para iniciar um processo de arbitragem em Paris. Na petição que apresentaram em Nova York, os advogados dele alegam que não honramos nosso compromisso com a Orion Trade na venda da Marchmont. Mais especificamente, dizem que a Orion recebeu só a carcaça do negócio e a Faringdon ficou com os ativos. O juiz de Nova York ainda não marcou nenhuma audiência, mas em Paris há uma agendada para novembro.” Kesler falava com estrutura e precisão extraordinárias, aproveitando-se de sua voz firme e possante, em que se notava um leve sotaque norte-americano sulista, para frisar todos os pontos importantes. Lock se perguntou se ele não ensaiava antes.

“Mas o sujeito é um idiota mesmo”, disse Lock. “O que ele acha que vai ganhar com isso?” Os outros permaneceram em silêncio. Lock observou que o relógio de Kesler continuava ajustado ao horário de Washington. “Vamos para a briga ou tentamos um acordo?”

“Se precisássemos nos preocupar apenas com o fato de termos ou não honrado nossas obrigações contratuais, então nosso problema seria realmente só este: decidir entre partir para a briga ou fazer um acordo. Mas, nesse caso, não haveria por que estarmos aqui, perdendo o nosso tempo com isso.” O terno de Kesler era de lã fina — um tecido azul-marinho, com padrão risca de giz e corte europeu. “Acontece que desta vez o Tourna resolveu apimentar um pouco a coisa. Ele está acusando a Faringdon — e vocês — de fazer parte de uma operação criminosa. Ele diz que a Faringdon não pertence aos acionistas mencionados no contrato social da empresa, e sim ao Malin, e que ela é o componente central do que, nas palavras dele, configura um esquema de lavagem de dinheiro em escala mundial. Estipulou os danos causados a ele em um bilhão de dólares.”

“Um bilhão? De onde o safado tirou esse número?” Agora Lock entendia por que ele e Kesler estavam ali. “Quem são os advogados dele?”

“Gente do Hansons. O principal é um sujeito chamado Lionel Greene. Ouvi dizer que é dos bons.” Kesler olhou para Lock por cima dos óculos, à espera de mais, porém Lock não disse nada. “Estamos com uma batata quente nas mãos. Não dá para fazer um acordo. O processo é pú-

blico, e fazer um acordo implicaria reconhecer a veracidade da acusação. Sem contar que, certo como dois e dois são quatro, daqui a pouco essa história vai ser de conhecimento geral. Porque o Tourna sempre faz de tudo para chamar a atenção, mesmo quando seria mais vantajoso para ele ser discreto. E aqui não é nem esse o caso.”

Lock sentia um peso oprimindo seu peito — um medo que vinha de longa data. “Faz ideia do que ele sabe exatamente?”

“Não. A petição não entra em detalhes.”

“Vai ver que está jogando verde.”

“Acho que não.” Até então de olhos fixos em Lock, Kesler olhou para Malin.

“Então qual é a intenção dele?”, disse Lock. “Isso não tem pé nem cabeça. Por que o sujeito faz uma acusação sem provas? E de uma maneira que, ainda por cima, inviabiliza qualquer acordo?”

Kesler tornou a olhar de um para o outro. Malin fez um movimento sutil com a cabeça, e o americano prosseguiu.

“Talvez porque não queira um acordo. Desconfio que o Tourna está com muita raiva, e quando o Tourna está com raiva, ele não mede as consequências do que faz. Para aquele grego, vingança boa é a que é servida ainda quente.” Kesler fez uma pausa, evidentemente satisfeito com suas palavras. “Acho que ele está fazendo isso — e só podemos *supor* que ele está fazendo isso — porque quer pegar o Malin de jeito. A essa altura, podemos supor também que ele já contratou um serviço de espionagem, uma assessoria de imprensa e sabe lá Deus o que mais para armar um circo. Isso quando ele achar que chegou a hora.”

Durante a conversa, o assistente de Kesler não parava de tomar notas. Lock olhou de relance para o caderninho, intrigado com o volume que as anotações do sujeito já atingira. Agora o sol baixara um pouco e estava atrás de Malin, deixando seu rosto na sombra.

“Escutem”, disse Lock, “se o Tourna tivesse prova de alguma coisa, ele estaria usando isso para nos chantagear na surdina. Esse é o estilo dele. O que quer dizer que ele não tem nada contra nós.”

“Talvez não”, disse Kesler, “mas vai ser bem desagradável ter de explicar isso na Justiça. Vim para cá porque precisamos começar a trabalhar imediatamente. Paris é a prioridade. Vou usar a unidade do Bry-

son em Londres para você não ter de ir para Washington, nem eu para Moscou...”

“Esperem um pouco.” Lock tinha uma expressão embatucada. “Por que a arbitragem? Se o que ele quer mesmo é criar caso, a ação em Nova York seria mais que suficiente.”

“De todas as perguntas, essa é sem dúvida a mais interessante”, disse Kesler. “Não sei a resposta. Por mais que eu tente, não consigo decifrar essa parte da equação. Mas acho que Nova York pode ser uma cortina de fumaça. Uma ação judicial lá vai causar estardalhaço, mas... Minha intuição diz que ele quer deixar vocês em maus lençóis, mas sem fechar todas as portas para um acordo — talvez vocês topem fazer um acordo se ele desistir por completo da ação. Ou talvez ele queira ver vocês depondo em juízo. Acho que conseguiríamos evitar isso em Nova York, mas não em Paris. Nos processos de arbitragem, os envolvidos têm de comparecer pessoalmente.”

Lock sentiu uma pontada na região lombar. Esse era o momento em que deveria mostrar a Malin estar cheio de confiança e gana, porém os sinais emitidos por seu corpo eram de desalento.

“Temos como causar algum estrago a ele antes?”

“Pagá-lo na mesma moeda, é isso o que você tem em mente? Talvez. Vou falar com o pessoal de uma agência de espionagem em Londres, na semana que vem. Pode ser que descubramos alguma coisa de que o Tourna não gostaria que outras pessoas soubessem. Mas o fato é que muito mais enlameada do que já está, a reputação dele não pode ficar. Essa é uma área em que ele não tem crédito nenhum na praça.” Kesler deu uma irritante risadinha sardônica.

Malin se levantou, agradeceu a Kesler e pediu que Lock o acompanhasse até o jardim. Caminhando em frente à casa, Lock sentia a grama se curvando sob seus pés. Por entre os ciprestes, divisava baías e promontórios que se ligavam uns aos outros até onde a vista alcançava, e também penhascos que à sombra ganhavam uma coloração vermelho-escuro. A camisa limpa, já úmida e fria, colava-se em suas costas. Ele e Malin desceram até uma piscina, cuja água azul-celeste entornava continuamente sobre a borda da extremidade oposta, enquanto o mar se espalhava mais além, num cobalto constante e grave. Sentaram-se a uma

mesa onde os raios do poente não incidiam e onde Lock, de lado para Malin, com os cotovelos fincados nos joelhos, continuava a olhar para a piscina, indagando a si mesmo se haveria outra coisa capaz de dar ao lugar um aspecto tão plácido. Ficou curioso em saber se Malin extraía algum prazer daquilo.

Malin tirou um maço de cigarros do bolso da camisa, pegou um cigarro e o acendeu. Falava em russo agora. “Richard, estou preocupado com essa história. O Tourna é meio doido. Acho que o Kesler tem razão — não é para arrancar dinheiro da gente que ele está fazendo isso.”

“O Tourna é biruta. Não devíamos ter...”

“Deixe eu terminar.” Malin fez uma pausa. Lock tirou os olhos da água para fitá-lo, indicando sua disposição em escutar. “O Kesler me ligou anteontem para me pôr a par do assunto. Isso me deu algum tempo para pensar. Pedi que ele viesse para cá para que pudesse nos dizer pessoalmente o que acha disso tudo. Pedi a ele, e estou pedindo a você agora, que tome um cuidado especial com esse caso, para que isso não saia totalmente do nosso controle. Precisamos dar um jeito de descobrir o que o Tourna sabe. E quero saber tudo sobre ele. Isso fica sob sua responsabilidade. Não vou fazer um acordo com o Tourna porque não confio na palavra dele.” Fez nova pausa, dando uma tragada funda no cigarro. “Tem certeza de que estamos protegidos?”

“Absoluta.” O coração de Lock disparou. “Não há nada que permita rastrear os negócios até você.”

“Passe um pente fino na sua rede e veja se não há mesmo nenhum ponto fraco. Em breve todos a estarão escarafunchando para ver se encontram alguma coisa. Se identificar fragilidades, me avise.”

“Não vejo onde poderia haver furos.”

“Dê uma olhada mesmo assim. Quem você acha que, sabendo ou não o que está fazendo, seria capaz de abrir a boca? Eles vão procurar esse tipo de coisa.”

“Certo.”

“Pode até ser que isso não dê em nada. Mas por ora eu quero que você trabalhe com o Kesler. Arregace as mangas e dê tudo de si.”

Lock manteve os olhos fixos nos olhos de Malin enquanto pôde, então assentiu com a cabeça e desviou o olhar.

“Richard, sempre o remunerarei com generosidade para que você estivesse preparado para este momento. Espero que justifique a confiança que depositei em você.”

Conforme os dois percorriam o caminho de volta, as luzes de segurança iam se acendendo uma a uma, iluminando a casa e as árvores e deixando tudo o mais às escuras.

Lock chegou a Mônaco pouco depois das dez. Oksana não estava no quarto do Metropole. Todas as ligações que fez para ela caíram na caixa postal do celular.

Ele entrou debaixo do chuveiro, esquentou bastante a água e depois a deixou gelada e ficou pensando. Pensou no porquê de Kesler não ter conversado com ele primeiro, em vez de ir falar diretamente com Malin. Pensou no que Malin lhe dissera, aquelas palavras em que havia um misto de encorajamento e ameaça. E pensou no que teria de fazer agora e no desconforto que isso lhe causava. Como ele sabia, o problema não estava na natureza da mentira, mas na mentira em si. Qualquer um que examinasse com atenção a coisa (e com certeza eles teriam de examiná-la com atenção), descobriria que ele, Richard Lock, era o investidor estrangeiro mais rico da Rússia, o proprietário de um enorme conglomerado privado do setor de energia. E ele não tinha nenhuma história plausível que desse conta de explicar como aquela fortuna fora parar em suas mãos.